

# ESTER

## Introdução

### Esboço

Capítulo 1	Capítulo 4	Capítulo 7	Capítulo 10
Capítulo 2	Capítulo 5	Capítulo 8	
Capítulo 3	Capítulo 6	Capítulo 9	

## INTRODUÇÃO

**Título.** O livro recebeu o nome de seu personagem principal, Ester. É um nome persa e significa *estrela*. Seu nome hebraico era Hadassa, *murta* (veja 2:7).

**Data e Autoria.** Temos quase certeza que o livro foi escrito após 465 A.C., pois menciona-se o reinado de Xerxes (486-465 A.C.) no tempo passado (10:2). Mas o autor demonstra ter conhecimento muito íntimo dos acontecimentos desse reinado e do mobiliário do palácio de Susã (que foi destruído pelo fogo em cerca de 435 A.C.) para que se date o livro após o período de Artaxerxes 1 (464-424 A.C.). Embora Josefo achasse que Mordecai escrevera o livro, parece que 10:2, 3 exclui tal possibilidade. Não obstante, o autor devia ser um judeu morando na Pérsia por ocasião dos acontecimentos narrados e que tinha acesso às crônicas dos reis da Média e da Pérsia (2:23; 9:20; 10:2). Palavras e nomes em puro persa aparecem no livro, e seu estilo hebraico assemelha-se muito com o de Esdras, Neemias e Crônicas.

**Historicidade e Propósito.** Apesar das objeções que se têm levantado contra a historicidade do livro, ele nos dá uma narrativa perfeitamente acreditável dos acontecimentos que poderiam ter acontecido durante o reinado de Xerxes. A declaração relativa à extensão do domínio de Xerxes (1:1; 8:9) concorda com as declarações de Heródoto (*Histories*, 3.97, 98; 7.9) e não se aplica a nenhum outro rei

persa. A grande festa do terceiro ano do reinado de Xerxes (Et. 1:3) harmoniza-se com a data fornecida por Heródoto (7.8) para o planejamento da expedição do rei persa contra a Grécia. A descrição do Seu palácio (Et. 1:6) tem sido confirmada por descobrimentos arqueológicos. A nova esposa que foi tomada no seu sétimo ano (2:16) encaixa-se na descrição que Heródoto faz do renovado interesse que ele manifestou em seu harém depois da desastrosa campanha grega (9.108, 109).

A Festa do Purim, que foi mencionada em II Macabeus 15:36 como sendo festejada já há cerca de 160 A.C., dificilmente poderia ter sido instituída sem nenhum motivo. A explicação mais lógica é que foi instituída em comemoração dos acontecimentos descritos neste livro. Os judeus sempre aceitaram o Livro de Ester como canônico. Quando voltamos nossa atenção para o propósito do livro, surge imediatamente a questão relativa ao por que de todas as referências à oração, adoração, Jerusalém, o templo e o nome de Deus terem sido omitidas, com exceção de algumas insinuações sobre oração e providência (Et. 4:14; 4:16; 9:31). Alguns têm conjecturado que era perigoso demais adorar Jeová abertamente naquele tempo e por isso todas as referências a Ele foram cuidadosamente excluídas do livro. Mas isto forma uma opinião debilitada sobre a inspiração das Escrituras. Parece melhor concluir que "considerando que estes judeus já não se encontravam mais na linha teocrática, por assim dizer, o Nome do Deus da Aliança não foi associado com eles. O livro de Ester, então, serve ao propósito de mostrar como a Providência Divina governa todas as coisas; mesmo estando em uma terra distante, o povo de Deus continua em Suas mãos. Mas, uma vez que esse povo se encontra em uma terra distante, e não na terra da Promessa. Seu nome não foi mencionado" (Edward J. Young, *An Introduction to the Old Testament*, pág. 349).

**Antecedentes Históricos.** Desde 722 A.C., os israelitas das tribos do norte foram transplantados, em cativeiro, para "as cidades dos medos" além de outros lugares (II Reis 17:6). Além disso, depois da conquista da

Babilônia por Ciro em 539 A.C., alguns dos judeus que foram transportados por Nabucodonosor para a Babilônia provavelmente dirigiram-se para o leste na direção de Susã e outras cidades da Medo-Pérsia, como fez Mordecai (Et. 2:5, 6). Mas dos milhões de judeus que foram dispersos por todo o Oriente Próximo, somente cerca de 50.000 escolhidos retornaram à Terra Prometida com Zorobabel e Jesua em 536 A.C. (Ed. 2: 64-67).

De acordo com Esdras 6:15, o segundo templo foi terminado em 515 A.C., no sexto ano de Dario I. Foi exatamente trinta e dois anos depois que Xerxes, o filho de Dario I, "deu um banquete, a todos os seus príncipes e seus servos" (Et. 1:3). Os acontecimentos deste livro cobrem um período de dez anos, desde a grande festa de Xerxes (483 A.C.) até a Festa do Purim (473 A.C.). Dezesseis anos depois da primeira Festa do Purim, Esdras dirigiu sua expedição de volta a Jerusalém (Ed. 7:9). Assim, os acontecimentos deste livro se encaixam entre o sexto e o sétimo capítulos do Livro de Esdras.

## **ESBOÇO**

- I. Vasti divorciada. 1:1-22.
- II. Ester toma-se rainha. 2: 1-23.
- III. A conspiração de Hamã contra os judeus. 3:1-15.
- IV. A decisão de Ester. 4: 1-17.
- V. O primeiro banquete de Ester. 5 : 1-14.
- VI. Hamã humilhado diante de Mordecai. 6: 1-14.
- VII. O segundo banquete de Ester. 7:1-10.
- VIII. O contra-decreto de Mordecai. 8:1-17.
- IX. Os judeus vitoriosos e a instituição do Purim. 9:1 -10:3.

## **COMENTÁRIO**

### **I. Vasti Divorciada. 1:1-22.**

## Ester 1

No último dia de uma festa de sete dias em Susã, no palácio, o rei Xerxes mandou chamar a rainha Vasti a fim de que exibisse a sua beleza diante dos nobres embriagados. Sua recusa provocou a ira do rei e ele aceitou o conselho de Memucã, um dos conselheiros do rei, divorciando-se dela por decreto público. Este castigo, diziam, serviria de advertência a todas as esposas do império a que respeitassem seus maridos.

**1. Nos dias de Assuero.** Este não poderia ser nenhum outro além de Xerxes (486-465 A.C.; cons. Ed. 4:6), o filho de Dario I, que tentou conquistar a Grécia em 481 A.C. Falhou completamente em seu objetivo devido a uma derrota esmagadora em Salamina (480A.C.) e Platéia (479 A.C.). **O Assuero que reinou desde a Índia até à Etiópia.** A fim de evitar qualquer possível confusão com o pai de Dario, o medo, que tinha o mesmo nome (Dn. 9: 1), o autor aponta o vasto território sobre o qual este Xerxes reinava (cons. 8:9; 10:1). A **Índia** mencionada era o território correspondente à província de Punjab no atual Paquistão Ocidental, a região a oeste do Rio Indus, até o qual os exércitos de Alexandre chegaram em suas conquistas. Heródoto nos conta que tanto a Índia como a Etiópia foram dominadas por Xerxes (3.97, 98; 7:9). **Sobre cento e vinte e sete províncias.** Isto se tem confundido com as vinte satrapias relacionadas por Heródoto para Dario I (3:89-94) e os cento e vinte sátrapas designados por Dario, o medo (Dn. 6:1). A palavra **províncias** (no heb. *medina*) refere-se a unidades governamentais menores do império, tais como a província de Judá (Ne. 1:3), enquanto que Heródoto se referia às unidades maiores, tais como a quinta satrapia, que incluía toda a Fenícia, Palestina, Síria e Chipre. Mas o Livro de Daniel não fala dessas unidades territoriais, pois simplesmente declara que Dario, o medo, achou por bem "constituir sobre o reino a cento e vinte sátrapas" (Dn. 6:1, cons. John C. Witcomb, *Darius the Mede*, págs. 31-33).

**2. Na cidadela de Susã.** Susã (ou Susa) era uma das principais capitais do Império Persa, sendo as outras Ecbatana (Ed. 6:1-2) e

Persépolis. Daniel foi, certa vez, transportado em visão para esta cidade (Ed. 8:2); e, mais tarde, Neemias serviu ali como mordomo de Artaxerxes (Ne. 1:1, 2:1).

**3. No terceiro ano do seu reinado, deu um banquete.** Esta festa (literalmente, *uma festa báquica*) aconteceu no ano de 483/482 A.C. e certamente foi aquela mencionada por Heródoto (7-8) na qual Xerxes fez planos para a grande invasão da Grécia. **O escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes.** No tempo de Ciro, a Média era mencionada antes da Pérsia (Dn. 6:8), mas agora a Pérsia estava em destaque na monarquia dualista. O escol representa os governadores militares, enquanto que os **nobres e príncipes** são os governadores civis.

**4, 5.** Durante os 180 dias, Xerxes discutiu planos de guerra com seus subordinados e os assombrou com a opulência e a grandeza de sua corte. Depois disto, realizou-se uma festa de sete dias (vs. 3 e 5 provavelmente se referem à mesma festa) para todo o povo que se achava na cidadela de Susã, inclusive os líderes das diversas províncias que tinham vindo para o planejamento de 180 dias (Keil, *in loco*). **No pátio do jardim do palácio real.** O terreno ou parque que rodeava o palácio.

**6.** O significado de algumas destas palavras é obscuro. Cortinas em azul e branco (as cores reais; cons. 8:15) pendiam de colunas de mármore por meio de argolas de prata. Também, havia divãs de ouro e prata (cons. 7:8) sobre o assoalho coberto de pedras de valias cores. Este notavelmente belo palácio foi queimado até os alicerces no final do reinado de Artaxerxes, o filho de Xerxes, em cerca de 435 A.C. (A.T. Olmstead, *The History of the Persian Empire*, pág. 352).

**7, 8. Vasos de ouro...de várias espécies.** Grande variedade de vasos para se beber era um luxo persa. **Graças à generosidade do rei.** (Cons. I Reis 10:13). **Bebiam sem constrangimento, como estava prescrito.** Geralmente o rei exigia que seus convivas bebessem uma certa quantidade, mas agora eles podiam beber tanto ou tão pouco quanto quisessem.

**9-12.** No último dia da festa, orei embriagado (Jz. 16: 25; II Sm. 13:28) enviou seus sete camareiros (ou eunucos; cons. Et. 1:12,15), que eram o seu meio de comunicação com o harém, para buscarem Vasti. As rainhas persas costumavam comer à mesa do rei, mas nem sempre nos grandes banquetes. Temendo por sua dignidade no meio de tal grupo embriagado (Heródoto, 5.18), ela recusou-se terminantemente a obedecer as ordens.

**13,14. Os sábios que entendiam dos tempos . . . os sete príncipes.** Talvez o sete fosse um número sagrado na Pérsia (cons. 1:10, 2:9; Ed. 7:14). Esses sábios talvez fossem astrólogos ou legisladores. Era nessas famílias de líderes que os reis persas tomavam suas esposas (Heródoto, 3.84).

**16-20.** Memucã, um dos sete príncipes (v. 14), aproveitou a oportunidade para transformar um negócio público em uma crise nacional, sem dúvida por causa de algum antigo conflito entre a rainha e os príncipes. As esposas dos cidadãos comuns desobedeceriam a seus maridos (v. 17), e as esposas dos sete príncipes poderiam "hoje mesmo" (v. 18) exigir igualdade de direitos para apoiar a rainha. **E não se revogue** (v. 19). Cons. 8:8; Dn. 6:9. Sem dúvida não queriam que Vasti retornasse ao poder e os punisse por terem dado tal conselho!

**21, 22. Enviou cartas a todas as províncias do rei . . . segundo o seu modo de escrever.** O Império Persa gabava-se de possuir um eficiente sistema postal, mas a comunicação era complicada pela multiplicidade de línguas faladas por todo o império. **Que cada homem fosse senhor em sua casa, e que se falasse a língua do seu povo.** O significado aqui é um tanto obscuro, mas presumivelmente "o governo do marido em sua casa devia ser demonstrado pelo fato de só se falara língua nativa do chefe da casa na família" (Keil; cons. Ne. 13:23). A menção deste ponto no decreto dá a idéia de que os fatos relativos à Vasti também foram mencionados.

## II. Ester Torna-se Rainha. 2:1-13.

### Ester 2

Quando Xerxes sentiu saudades de Vasti, alguém propôs que se procurasse uma nova rainha entre as mais lindas virgens da terra. Ester, jovem judia que fora criada por seu primo Mordecai, estava entre as que foram levadas à casa das mulheres. Xerxes a preferiu acima de todas as outras e escolheu-a para sua rainha. Logo depois Mordecai descobriu uma conspiração contra o rei. Através de Ester o assunto foi levado ao conhecimento de Xerxes e os criminosos executados.

**1. Passadas estas coisas . . . lembrou-se de Vasti.** Considerando que Ester se tornou rainha em dezembro de 479 A.C. (2:16) e mais de um ano deveria ter-se passado entre o decreto de 2:3 (cons. 2:12) e o seu casamento, a saudade que o rei sentiu de Vasti deveria ter surgido durante a sua grande campanha contra a Grécia (481-479 A.C.).

**2-4.** Entendendo que se Vasti fosse restaurada, eles estariam perdidos (veja observação sobre 1:19), os príncipes não seguiram o costume de arranjar uma rainha entre suas próprias filhas e sugeriram ao rei que escolhesse a nova rainha entre as mais lindas virgens do império. **Hegai, eunuco do rei, guarda das mulheres.** Cons. 2: 8,15. Só os eunucos tinham acesso à "casa das mulheres" (v. 9). **A moça que cair no agrado do rei essa que reine** (v. 4). Deste modo, a saudade do rei seria apaziguada. Os príncipes estavam bem conscientes da fraqueza do caráter de Xerxes (Heródoto, 9.108-113) e se aproveitaram totalmente disso para atingir seus propósitos.

**5-7. Certo homem judeu . . . chamado Mordecai .. . criara a Hadassa, que é Ester, filha de seu tio.** Agora se introduzem os heróis desta história. Mordecai, da tribo de Benjamim, era bisneto de um homem chamado Quis, que fora levado para a Babilônia junto com o rei Jeconias (Joaquim) em 597 A.C. Após a morte de seu tio Abiail (2:15), Mordecai levou a órfã, filha de seu tio, para sua casa e a criou. "Considerando que Hadassa vem de *hadas*, murta, e Ester de *sitar*, a

palavra persa para estrela (do sânscrito, *sta'na*; Akk, *istar*), temos aqui um exemplo precoce da prática judia de usar dois nomes – um hebraico e outro gentio, tais como João Marcos, José Justo, etc". (A. Macdonald, "Ester", *The New Bible Commentary*, pág. 382).

**8-11 . Levaram também a Ester ... sob os cuidados de Hegai ... A moça lhe pareceu formosa** (vs. 8, 9). Os sentimentos pessoais de Ester, neste caso, não foram registrados, mas podemos crer que ela confiava em Jeová e por isso foi por Ele abençoada (mais ou menos como José e Daniel). Contudo, diferindo de José e Daniel, ela não identificou sua nacionalidade e por isso deve ter participado de alimento cerimonialmente impuro. Por que Mordecai lhe ordenara que mantivesse a sua nacionalidade em segredo (v. 20) não é fácil de determinar. Talvez temesse por sua segurança (v. 11). Ou talvez recebesse do Senhor um pressentimento especial de problemas futuros para Israel e do papel que Ester teria de desempenhar libertando o seu povo (4:14).

**12-15.** Após todo um ano de preparativos, chegou a vez de cada jovem comparecer diante do rei. Para essa visita ela podia usar todos os ornamentos, jóias ou roupas que quisesse. Ester revelou um espírito incomparável, demonstrando que não estava preocupada em agradar ao rei pelo que "é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário", mas por "um espírito manso e tranqüilo, que é de grande valor diante de Deus" (I Pe. 3:3, 4). Não nos surpreende, portanto, que Ester tenha alcançado **favor de todos quantos a viam**, e que tenha conquistado o coração do rei.

**16-18.** No mês de dezembro de 479 A.C., exatamente quatro anos depois do seu divórcio com Vasti, Xerxes fez de Ester a sua rainha. Durante esses quatro anos, o imperador arrojara um dos maiores exércitos da história antiga contra os gregos, só para sofrer derrotas humilhantes e esmagadoras em Salamina e Platéia. Ester forneceu-lhe a medida de consolo que ele tanto precisava. **Concedeu alívio às províncias** (v. 18). Ou era remissão de impostos ou de trabalho (um feriado).



**19-23. Quando pela segunda vez se reuniram as virgens.** O propósito desta segunda reunião não foi explicado, mas devemos nos lembrar que Xerxes (tal como Salomão) era polígamo e estava constantemente aumentando o seu harém. Foi, todavia, durante esta segunda reunião, que Mordecai descobriu a conspiração contra a vida do rei. Dois eunucos, Bigtã e Teres, que talvez tivessem acesso ao rei através das virgens mencionadas em 2:19, e que possivelmente estivessem enraivecidos com o divórcio de Vasti, planejaram matar o rei. É interessante observar que Xerxes finalmente morreu assassinado, (Olmstead, *op. cit.*, pág. 289). Providencialmente, Mordecai foi aquele que frustrou a conspiração, pois sua boa ação foi registrada nas crônicas reais e mais tarde veio a ser o instrumento de sua exaltação (6:1-3). Ambos foram pendurados numa forca (v. 23). Provavelmente foram crucificados ou empalados vivos (cons. 7:10).

### **III. A Conspiração de Hamã Contra os Judeus. 3:1-15.**

#### **Ester 3**

Mordecai recusou prostrar-se diante de Hamã, o qual Xerxes elevara a uma posição de dignidade logo abaixo a do rei; e conseqüentemente a ira de Hamã foi despertada contra a nação de Mordecai. Por meio de sortes (*Pur*), foi determinado o dia fatídico para a destruição dos judeus, e Hamã prometeu ao rei todas as propriedades que seriam confiscadas. Hamã enviou cartas a todo o império em nome do rei, anunciando o dia da destruição dos judeus.

**1-6.** De acordo com 3:7, os acontecimentos deste capítulo aconteceram em 474A.C., mais do que quatro anos depois de Ester se tornar rainha (cons. 2:16). Agora, Hamã, o agagita, tornara-se o favorito do rei e diante dele todos tinham de se ajoelhar (cons. Gn. 41:43). Os judeus se inclinavam diante dos seus reis (II Sm. 14:4; 18:26; I Reis 1:16). Mas quando os persas se inclinavam diante dos seus reis, eles o fadavam como se estivessem diante de um ser divino. Por isso os

espartanos se recusaram a inclinar-se diante de Xerxes (Heródoto, 7.136). **Ele lhes tenha declarado que era judeu** (v. 4). Considerando que a sua lealdade a Jeová era a base de sua recusa em inclinar-se diante de Hamã, ele teve de divulgar a sua nacionalidade finalmente. Naquela ocasião, a situação deve ter parecido desastrosa para Mordecai; mas Deus, no final, produziu bênçãos maiores através dela, pois Ele se deleita nas testemunhas que não guardam silêncio (cons. 8:17). **Procurou Hamã destruir todos os judeus** (v. 6). Descobrimo que a recusa de Mordecai em se inclinar diante dele baseava-se em motivos religiosos, Hamã entendeu que nada além de um *pogrom* de grande alcance poderia finalmente resolver este problema.

7. No começo de abril de 474 A.C., Hamã mandou que os astrólogos e adivinhos lançassem sortes para determinar qual o dia do ano que seria propício para destruir Israel (Pur é uma palavra persa antiga que significa "sorte"). Os antigos confiavam muito na astrologia e nos adivinhos, mas não percebiam que quando "a sorte se lança no regaço, ... do Senhor procede toda decisão" (Pv. 16:33). O poder do Senhor foi particularmente evidente neste caso, pois enquanto eles lançavam a sorte em relação a cada dia do ano, ela caiu sobre o dia treze do décimo segundo mês, que era o Átimo, dando "tempo a que a conspiração de Hamã fosse superada e um contra-decreto fosse assinado!

**8-11.** Hamã revelou sua extrema sutileza quando apresentou sua proposta ao rei. Percebendo que Xerxes era absolutamente egoísta, Hamã obteve permissão para exterminar os judeus convencendo-o de que estavam desafiando suas leis e que Suas propriedades confiscadas trariam grandes riquezas para o tesouro do rei. A singularidade das leis e costumes de Israel sempre foi causa de ofensa para os gentios pagãos (Nm. 23:9; Atos 16:20, 21). Mas é quase impossível que eles tenham se recusado a obedecer às leis das nações nas quais viviam, com exceção do caso em que se deveria reverenciar uma simples criatura (cons. Dn. 3:12; 6:10). Contudo, Hamã estava certo em presumir que os judeus eram muito ricos. Muitos puderam contribuir generosamente para seus irmãos

que retornaram à Palestina (Ed, 1:4). "Trinta e oito nomes hebreus ... aparecem em 730 tabuinhas contendo contas correntes pertencentes a Murashu e filhos, uma família de banqueiros em Nipur (Babilônia) em 464-404 A.C." (DJ. Wiseman, *Illustrations From Biblical Archaeology*, pág. 76). **Dez mil talentos de prata** (v. 9). Seria aproximadamente US\$ 15.000.000 em dinheiro atual. Heródoto (3.95) declarou que Dano I recebia perto de 15.000 talentos por arfo de rendimentos públicos. **Então o rei tirou o seu anel da mão, deu-o a Hamã** (v. 10). Antigamente o anel com o selo real era muito importante, pois equivalia à assinatura da pessoa. Com este anel, Hamã podia enviar cartas em nome do rei (3:12). Mais tarde esse anel foi entregue a Mordecai (8:2,8). **Essa prata seja tua, como também esse povo, para fazeres dele o que melhor for de teu agrado.** (v. 11). Possivelmente para fugir à aparência de ganância, Xerxes ofereceu o dinheiro a Hamã. A completa indiferença do rei para com o destino de milhões de seus súditos encontrou paralelo, nos tempos modernos, em Hitler, Stalin e Kruchev.

**12-15.** No décimo terceiro dia de Nisã (17 de abril de 474 A.C.), os escribas foram convocados para prepararem cópias e traduções do decreto para distribuição por todo o império. **Enviaram-se as cartas por intermédio dos correios** (v. 13). Heródoto escreveu: "Nenhum mortal viaja tão rapidamente como esses mensageiros persas. Todo o plano é uma invenção persa; e o método é o seguinte. Ao longo de toda a estrada há homens (dizem eles) estacionados com cavalos, em número igual aos números dos dias que a viagem vai levar, com um homem e um cavalo por dia; e esses homens não serão impedidos de percorrer na velocidade máxima a distância que têm de vencer, seja pela neve, ou chuva, ou calor, ou pela escuridão da noite. O primeiro cavalo entrega a missiva ao segundo, e o segundo a passa para o terceiro; e assim ela vai de mão em mão ao longo de toda a baba, como a tocha que os gregos levavam na corrida em homenagem a Hefestus" (8.98). **No dia treze do duodécimo mês.** Isto seria em 7 de março de 473 A.C., cerca de um ano mais tarde. **E que lhes saqueassem os bens.** Todos os que ajudassem a exterminá-

los ganhariam a sua parte, mas uma porção seria entregue a Hamã. Mas a cidade de Susã estava perplexo (v. 15). Sem dúvida os judeus tinham muitos amigos nesta capital (cons. 8:15), que ficaram estupefatos diante de tão assustador exemplo de despotismo irresponsável. Talvez o decreto fosse publicado com tanta antecedência a fim de incentivar os judeus a fugirem, deixando para trás suas propriedades (Keil).

#### IV. A Decisão de Ester. 4:1-17.

##### Ester 4

A grande tristeza de Mordecai provocou a curiosidade de Ester, que então ficou sabendo a respeito do decreto e do seu desejo que ela apelasse para o rei. Quando ela protestou dizendo que isto poderia lhe ser fatal, Mordecai insistiu dizendo que era sua responsabilidade diante de Deus. Ela prometeu ir ter com o rei se Mordecai se lhe juntasse em um jejum de três dias.

**1-3. Soube Mordecai tudo quanto se havia passado** (v. 1). Não só ele sabia de tudo o que tinha sido publicamente anunciado, tendo em seu poder uma cópia do decreto (v. 8), mas também sabia do acordo entre Hamã e o rei e a quantia exala do dinheiro que lhe tinha sido prometida (v. 7). Isto agravou sua tristeza, pois ele provavelmente compreendeu que fora pelo fato dele ter divulgado sua nacionalidade (3: 4) que a ira de Hamã se desencadeara sobre o seu povo. **Se cobriu. . . de cinza.** Sinal de tristeza assoladora (Jó 2:12; Dn. 9:3). Ninguém vestido de pano de saco podia entrar pelas portas do rei (v. 2). O rei não toleraria tristeza ou tragédia na sua presença (cons. Ne. 2:1, 2).

**4-8.** Quando soube da tristeza de Mordecai, Ester enviou-lhe roupas apropriadas para que pudesse entrar na corte (cons. v. 2). **Porém ele não as aceitou.** Ele queria impressionar Ester com a gravidade da situação e obter uma oportunidade de falar com ela. Então Ester chamou a Hatá. É possível que Hatá fosse um judeu que soubesse do relacionamento que havia entre Ester e Mordecai. De qualquer maneira ele acabou sabendo,

pois entre outras coisas Mordecai lhe disse que mandasse Ester fazer o pedido ao rei **pelo povo dela** (v. 8).

**9-12. Uma sentença, a de morte** (v. 11). Desde os tempos antigos, os reis medos recusavam a entrada na sala do trono a pessoas que não fossem anunciadas a fim de intensificar sua dignidade e proteger-se (Heródoto, 1.99; 3.118). Além disso, Ester não fora chamada a sua presença por trinta dias e sem dúvida temia que a temporária falta de interesse do rei nela pudesse prejudicar o sucesso de um pedido formal para uma audiência. A única e outra possibilidade era aparecer à entrada da corte sem ser anunciada e esperar uma atitude simpática do rei. Era para Ester um plano extraordinariamente perigoso naquelas circunstâncias.

**13, 14. Não imagine que . . . só tu escaparás.** Mordecai fê-la lembrar da posição perigosa na qual ela própria se encontrava, especialmente porque sua recusa em ajudar o povo de Deus nesta hora de crise traria o juízo divino sobre ela e sua família, enquanto que o alívio e o livramento **de outra parte se levantará para os judeus** (v. 14). Mordecai conhecia a promessa de Deus e a história de Israel bem demais para duvidar disso por um momento que fosse. Falando-se claramente, Deus podia muito bem tê-la feito rainha da Pérsia por causa da crise que Ele sabia que seria desencadeada através da ira de Hamã! Esta passagem é uma chave para o significado básico de todo o livro, isto é, demonstrar a providência infalível de Deus em benefício do Seu povo, Israel. Mordecai insinuou isto com bastante clareza e seu pedido era irresistível.

**15-17. Jejuar por mim . . . por três dias** (v. 16). Aqui não se menciona oração, mas está implícita (cons. Joel 1:14). **Eu e as minhas servas também jejuaremos.** Possivelmente eram moças judias ou prosélicas às quais Ester teria ensinado a orar. **Se perecer, perecerei.** Este não é um fatalismo cego, ou uma resignação desesperada (cons. Gn. 43:14), mas antes uma confiança na vontade e sabedoria divinas (cons. Jó 13:15; Dn. 3:17,18 ).

---

**V. O Primeiro Banquete de Ester. 5:1-14.****Ester 5**

O Rei recebeu Ester afavelmente e ela por sua vez convidou-o e a Hamã para um banquete particular. No banquete o rei ofereceu-se para satisfazer qualquer pedido que ela quisesse fazer; ela pediu que viessem a um outro banquete no dia seguinte. Hamã não cabia em si de contentamento por causa desses convites especiais, mas ficou mortificado com a recusa de Mordecai de inclinar-se diante dele. A esposa e os amigos de Hamã deram-lhe a idéia de obter permissão do rei para enforcar Mordecai na forca que ele construía.

**1-4. Ao terceiro dia.** No terceiro dia do jejum, que provavelmente durou mais de quarenta horas (4:16). **Alcançou ela favor perante ele** (v. 2). Uma evidência notável de que "o coração do rei" está "na mão do Senhor" (Pv. 21:1); especialmente à vista de Et. 4:11. **Até metade do reino se te dará** (v. 3). Provavelmente surpreso por causa de sua aparição sem ser anunciada, ele pensou que o seu pedido devia ser algo urgente. Embora esta expressão não passe de uma hipérbole, não era uma promessa sem fundamentos (cons. 5:6; 7:2; Mc. 6:23; e Heródoto, 9.109).

**5-8. Minha petição e desejo é . . . farei segundo o rei me concede** (vs. 7, 8). O propósito de Ester em convidar o rei e Hamã para um banquete particular era, em primeiro lugar, acusar Hamã de conspirar para destruir seu povo (cons. 7:6). Mas agora, talvez sentindo que ainda não tinha suficiente influência para com o rei a fim de fazer tão ousada acusação, deixou o seu pedido para mais tarde e convidou-os para outro banquete no dia seguinte. Isto foi providencial, é claro, conforme vemos no capítulo 6, fornecendo a base necessária para a sua acusação no segundo banquete.

**9-14. Então saiu Hamã naquele dia alegre e de bom ânimo; . . . então se encheu de furor contra Mordecai.** Um exemplo interessante do pecador frustrado, gloriando-se no seu ego, odiando a Deus e ao povo

de Deus. Embora os servos de Ester soubessem do seu relacionamento com Mordecai (cons. observação sobre 4:4-8), Hamã não sabia, é óbvio. Essa ignorância provou ser sua ruína. **A multidão de seus filhos** (v. 11). Hamã tinha dez filhos (9:7-10). Ter muitos filhos era considerado uma grande honra, não apenas em Israel (Sl. 127: 3-5), mas também na Pérsia (Heródoto, 1.136). **Faça-se uma forca de cinqüenta côvados de altura ... que nela enforcuem a Mordecai** (v. 14). Hamã ordenou que construíssem uma forca de 23ms em seu próprio quintal, para que pudesse ser vista de longe, provavelmente até mesmo do palácio. A construção começou naquela mesma noite porque Hamã sentia-se supremamente confiante em que o rei atenderia o seu pedido para que pudesse desfrutar do segundo banquete de Ester com completa paz de espírito.

## VI. Hamã Humilhado Diante de Mordecai. 6:1-14.

### Ester 6

Não tendo sono à noite, o rei mandou que se file lessem as crônicas oficiais, as quais falavam da lealdade de Mordecai no caso da conspiração contra o rei, atitude que ainda não fora recompensada. Quando Hamã chegou à corte para pedir a morte de Mordecai, perguntou-se-lhe que honras se poderiam conceder a um favorito do rei. Pensando em si menino, ele sugeriu uma elaborada exaltação, só para ter de ouvir que essas honrarias ele deveria conceder a Mordecai, o judeu. Ao chegar em casa, sua esposa e amigos o advertiram de que se Mordecai era realmente judeu, não prevaleceria contra ele; seu destino já estava certamente selado.

**1-3. Naquela noite não pôde o rei dormir.** Possivelmente sentia ansiedade para com o pedido de Ester ou talvez excessos de vinho no banquete mantivessem o rei Xerxes acordado aquela noite (cons. Dn. 6:18). Mas, acima de tudo, foi a providência de Deus, pois, se não fosse assim, o rei nunca teria ouvido falar do feito de Mordecai conforme registrado "no livro das crônicas" (cons. 2:23).

**4-9. Quem está no pátio?** Tendo seus carpinteiros trabalhando toda a noite a fim de terminar a forca, Hamã chegou cedo à corte naquela manhã para pedir ao rei a permissão de enforcar Mordecai. Mas antes que pudesse fazer o seu pedido, o rei o convocou à sala do trono para ajudá-lo a resolver um importante problema. Ao que parece, o rei queda consultar qualquer homem do governo que aparecesse, e aconteceu que Hamã foi aquele que estava à disposição naquele momento! **Mais do que a mim** (v. 6). Esta é uma ilustração clara do texto: "A soberba precede a ruína, e altivez do espírito, a queda " (Pv. 16:18; cons. 11:2; 18:12). Hamã imediatamente começou a fazer uma lista daquelas honrarias que mais seriam estimadas no Oriente, como se já tivesse muitas vezes meditado nesta possibilidade e estivesse pronto a dar uma resposta caso o rei lhe perguntasse algo assim! **Vestes reais, de que o rei costuma usar** (v. 8). Não uma simples toga oficial, mas uma vestimenta cara que o rei possuísse e estivesse usando (cons. I Sm. 18:4). **E tenha na cabeça a coroa real.** A coroa devia ser colocada na cabeça do cavalo, pois nas esculturas assírias e persas os ornamentos são vistos nas cabeças dos cavalos (Keil). **Levem-no .. , pela praça da cidade, e diante dele apregoem** (v. 9). Comparem com honrarias semelhantes concedidas a José no Egito (Gn. 41:42).

**10. Faze assim para com o judeu Mordecai.** Sem dúvida, o rei já tinha descoberto que Mordecai era judeu nas conversas com seus cortesãos a respeito da boa ação praticada por ele (6:1-3). Mas sendo um monarca instável e esquecido, tinha deixado de ligar este fato com o decreto que tinha recentemente assinado ordenando a exterminação dos judeus! (cons. 3:11).

**13,14.** Os amigos de Hamã que anteriormente agiram como conselheiros (5:14), agiram agora como **sábios** (*vaticinadores*), prevendo a sua queda. **Se Mordecai . . . é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele** (v. 13). A súbita mudança na sorte de Mordecai fê-los perceber, com um respeito supersticioso nascido da cuidadosa observação do cuidado providencial de Deus para com o Seu povo desde



o tempo de Ciro, que a queda de Hamã seria total. **Apressadamente levaram a Hamã ao banquete.** Com o espírito abatido, Hamã compareceu ao segundo banquete de Ester como uma ovelha a caminho do matadouro.

## VII. O Segundo Banquete de Ester. 7:1-10.

### Ester 7

Ester pediu ao rei que salvasse o seu povo da destruição e ousadamente acusou Hamã de ser o adversário. O rei foi para o jardim tomado de fúria diante da descoberta, e retornou para encontrar Hamã rogando a Ester que salvasse a sua vida. Acusando-o de atacar a rainha, ordenou que Hamã fosse enforcado na mesma forca que mandara construir para Mordecai.

**1-6. Fomos vendidos, eu e o meu povo.** Encorajada pela súbita mudança na sorte de Mordecai, Ester finalmente identificou-se com o povo de Israel que fora vendido (3:9; 4:7) **“para nos destruirmos, matarem, e aniquilarem”** (as mesmas palavras de 3:13). **Se ainda como servos e como servas nos tivessem vendido, calar-me-ia, porque o inimigo não merece que eu moleste o rei.** Literalmente, *embora o inimigo não se compare ao prejuízo do rei.* Mesmo que o hebraico não seja bastante claro para nós hoje em dia, provavelmente significa que o castigo de Hamã envolveria muito menos prejuízo financeiro para o rei do que a destruição de trilhares de judeus. Pelo contrário, Contudo, Ester ficaria em silêncio se os judeus fossem vendidos como escravos, pois isso sem dúvida traria muito lucro inicial para o rei (F.U. Shultz, "Ester", em *Lange's Commentary*). **Quem é esse . . . cujo coração o instigou a fazer assim?** (v. 5). Esta era a resposta pela qual Ester e Mordecai tinham orado. O rei tomando conhecimento pela primeira vez que sua rainha era judia, sentiu-se esmagado pelo pensamento de que ela e o seu povo estavam condenados à destruição por um decreto inalterável. A bem da verdade, ele no começo consentira na conspiração de Hamã sem

muita deliberação (3:10,11); mas é difícil imaginarmos que ele não soubesse quem era o responsável pelo início desse *pogrom* dois meses antes (cons. 3:7; 8:9). Talvez ele propositadamente se abstinhasse de voltar-se contra Hamã a fim de que toda a perversidade do ato em si fosse primeiramente enfatizada. **O adversário e inimigo é este mau Hamã** (v. 6). Ester desenvolveu o seu caso cuidadosamente antes de finalmente citar Hamã.

7. Enquanto o rei tomado de raiva se retirava para o jardim a fim de recobrar seu auto-controle, Hamã rogava a Ester por misericórdia, percebendo que não encontraria mais o favor do rei a não ser por intermédio dela. Um dia antes tivera de conduzir um judeu em cortejo triunfal pelas ruas da cidade e agora tinha de rogar por sua vida a uma judia! Semelhante inversão terá lugar quando do início do Milênio (cons. Is. 14:1-3).

8. **Acaso teria ele querido forçar a rainha perante mim na minha casa?** (v. 8). Desesperado, temendo por sua vida, Hamã caiu aos pés de Ester que estava reclinada sobre um divã de ouro e prata (cons. 1:6). Os persas e também os gregos e romanos se reclinavam durante as refeições, e os judeus o fizeram nos últimos anos (cons. Jo. 13:23). Quando Assuero retornou do jardim, derramou sua ira sobre Hamã e atribuiu-lhe o pior dos motivos para se aproximar assim da rainha. O rei certamente não pensou que Hamã estivesse realmente atacando Ester, mas no auge de sua raiva falou assim para mostrar aos servos como se sentia para com Hamã. **Tendo o rei dito estas palavras, cobriram o rosto a Hamã. Estas palavras** não se referem à pergunta que ele acabara de fazer, mas à ordem de executar Hamã, a qual não ficou registrada no texto. Antigamente, alguns povos costumavam cobrir as cabeças daqueles que iam ser executados.

9,10. **Harbona** era um dos sete eunucos que o rei tinha enviado em busca de Vasti no grande banquete (1:10). **Eis que existe . . . a força . . . que ele preparou para Mordecai.** Os eunucos provavelmente citaram os diversos crimes de Hamã a fim de manter acesa a ira do rei contra ele,

e concluíram falando da forca de 22,86ms no quintal de Hamã, a qual podia ser claramente vista do palácio. Aceitando a sugestão dos seus cortesãos, como de costume, o rei ordenou que Hamã fosse enforcado na sua própria forca.

## VIII. O Contra-decreto de Mordecai. 8:1-17.

### Ester 8

A propriedade e posição de Hamã foram transferidos para Mordecai por ato de Xerxes e Ester. Mas o rei não tinha poderes para anular seu decreto contra os judeus; por isso deu poderes a Mordecai para criar um novo decreto que neutralizasse o primeiro. Isso foi feito rapidamente e os judeus receberam permissão para se defenderem no dia treze de Adar, data que Hamã havia determinado para sua destruição. Isto produziu grande alegria por toda parte e muitos se tornaram prosélitos judeus.

**1, 2.** Agora que ela revelara sua nacionalidade a Xerxes (7:4), Ester alegrou-se em poder apresentar Mordecai ao rei como seu primo e guardião. O rei já tivera o prazer de homenagear Mordecai pela denúncia da conspiração contra sua vida (6:6); por isso achou perfeitamente natural dar-lhe o anel como sinete (cons. 3:10; 8:8) e nomeá-lo o primeiro ministro do império (cons. Gn. 41: 42).

**3-6.** Apesar da morte de Hamã e exaltação de Mordecai, os judeus ainda estavam sob sentença de morte por causa de um decreto irreversível. Por isso a tarefa de Ester ainda não estava terminada. Em 8:3 temos o conteúdo geral de sua petição, mas em 8:5,6 lemos quais foram suas palavras. **Escreva-se que se revoguem os decretos concebidos por Hamã ... Pois como poderei ver ... a destruição da minha parentela?** (vs. 5, 6). Ester estava desesperadamente preocupada com o destino de Israel agora, o que se pode ver pela fórmula introdutória quádrupla que ela usou, a qual enfatiza seu relacionamento pessoal com o rei. Não compreendendo bem as complicadas leis persas, ela apelou diretamente para o coração do rei, pedindo misericórdia para

Israel e a revogação dos "decretos concedidos por Hamã", tendo o cuidado de não acusar o rei pela sua parte nos feitos de Hamã.

**7, 8. Eis que dei a Ester a casa de Hamã . . . os decretos . . . não se podem revogar.** Ansioso por mostrar a Ester que a amava, ele começou lembrando os favores que já lhe fizera. Mas acrescentou que ninguém, nem mesmo o próprio rei da Pérsia, tinha o poder de revogar as leis dos medos e pensas (compare semelhante situação angustiada de Dano, o meda, em Dn. 6). Não obstante, Mordecai tinha plenos direitos de criar um contra-decreto em nome do rei, que seria exatamente tão irreversível quanto aquele criado por Hamã.

**9,10.** As cartas oficiais foram agora preparadas da mesma maneira como aquelas que Hamã enviara (3:12-15). A data era 25 de junho de 474 A.C., um pouco mais que dois meses após o primeiro decreto, dando mais de oito meses aos judeus para prepararem suas defesas (v. 9). **Correios montados em ginetes criados na coudelaria do rei.** Ênfase especial foi posta aqui sobre a pressa com a qual as cartas de Mordecai foram enviadas, algumas das quais talvez até chegassem antes das de Hamã.

**11-14.** Quatro aspectos principais se destacam no decreto de Mordecai: a) os judeus deviam se reunir em grupos no dia treze de Adar; b) eles deviam defender suas vidas; c) eles deviam matar aqueles que os atacassem; e d) eles deviam tomar os despojos de seus atacantes. **Força armada do povo** (v. 11) refere-se às forças militares. **Impelidos pela ordem do rei** (v. 14). Muitas vezes já se notou que isto serve como notável ilustração para o trabalho missionário atual. A sentença de morte decretada por Deus paira sobre a humanidade pecadora, mas Ele também nos ordenou que nos apressemos com a mensagem da salvação a todas as terras (cons. Pv. 24:11,12). Só conhecendo e aceitando o segundo decreto, os terríveis efeitos do primeiro decreto podem ser evitados.

**15-17.** Tendo criado o decreto, Mordecai vestiu-se com roupas reais, em azul e branco (as cores reais da Pérsia, cons. 1:6), uma grande coroa de ouro e um manto de linho fino e púrpura. Eram provavelmente

suas roupas oficiais de primeiro ministro e não a veste especial que recebeu no dia de sua primeira exaltação (6:8). Seu aparecimento na cidade reforçou a alegria produzida pelo decreto (contraste com a tristeza produzida pelo decreto de Hamã, 4:3). **Para os judeus houve felicidade, alegria, regozijo e honra** (v. 16). Esta festa foi uma antecipação da Festa do Purim, que foi pela primeira vez celebrada oito meses mais tarde (9:17-19). **E muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus** (v. 17). O verbo se fizeram judeus só aparece uma vez no V.T. Realmente, poucas evidências encontramos de gentios se tornando prosélitos em número significativo até o período do N.T. (cons. Atos 2:10; Mt. 23:15). **O temor dos judeus tinha caído sobre eles.** Israel começava a experimentar um dos maiores livramentos divinos desde o Êxodo, e a lição foi óbvia a muitos (9:2,3; Êx. 15:16; Dt. 11:25).

## **IX. Os Judeus Vitoriosos, e a Instituição do Purim. 9:1 - 10:3.**

### **Ester 9**

Chegado o dia fatídico, os judeus se defenderam eficientemente com a ajuda das autoridades e mataram quinhentos homens em Susã, incluindo os dez filhos de Hamã. Ester obteve permissão para os judeus se defenderem mais um dia e mais trezentos inimigos foram mortos em Susã. Nas províncias, setenta e cinco mil inimigos foram mortos. A Festa do Purim foi então instituída através de cartas especiais para comemoração desse tremendo livramento. Uma segunda carta confirmou a primeira e estabeleceu também um jejum. A grandeza de Mordecai e o seu amor a Israel foram registrados nas crônicas do reino.

**1-4.** Finalmente, a 7 de março de 473 A.C., chegou o dia fatídico, e os judeus se reuniram em grupos compactos dentro das diversas cidades à espera dos seus atacantes. **Sucedeu o contrário** (v. 1). Uma óbvia referência à providência divina, e ainda assim o nome de Deus não aparece! **Para dar cabo daqueles que lhes procuravam o mal** (v. 2). Cons. 2:21; 3:6; 6:2. **Todos os príncipes das províncias . . . auxiliavam**

**os judeus, porque tinha caído sobre eles o temor de Mordecai** (v. 3). O teor do segundo decreto tornou perfeitamente claro aos oficiais persas que o rei, sem mencionar Mordecai, seu primeiro ministro, favorecia agora os judeus. Juntar-se ao ataque contra os judeus agora certamente desencadearia contra eles a desgraça. Talvez se lembrassem do destino daquelas autoridades que se opuseram aos desejos de Dario, o meda, em uma situação mais ou menos semelhante (Dn. 6:24).

**5-10.** Não obstante, muitos cidadãos persas aproveitaram-se do primeiro decreto para atacar seus odiados vizinhos judeus. Sem o apoio do governo e enfrentando um povo zeloso e recém-encorajado, foram totalmente derrotados. Em Susã mesmo, foram mortos quinhentos homens, inclusive os dez filhos de Hamã. Todos esses filhos de Hamã, com a possível exceção de Adalia, tinham nomes persas (veja *Lange's Commentary, in loco*, quanto ao significado das raízes dos nomes). **Porém no despojo não tocaram** (v. 10). Cons. 3:13; 8:11; 9:15, 16. Os judeus se abstiveram de aproveitarem-se do privilégio a que tinham direito, para que a pureza dos seus motivos fosse evidente a todos.

**11-16. Nas mais províncias do rei que terão eles feito?** (v, 12). Ao que parece o rei se regozijou com a notícia de que os judeus tinham alcançado tão estupenda vitória em Susã, e ele esperava notícias de vitórias ainda maiores das províncias. **Conceda-se aos judeus que se acham em Susã que também façam amanhã segundo o edito de hoje** (v. 13). Ao que parece, Ester sabia de alguma conspiração persa para atacar os judeus no dia seguinte também, e por isso pediu permissão para os judeus se defenderem novamente. O rei atendeu ao seu pedido e assinou novo decreto permitindo aos judeus a matarem seus inimigos em Susã no dia quatorze de Adar também, pois o decreto de Mordecai especificara apenas um dia para os judeus se defenderem dessa maneira (8:13). Este decreto adicional foi obedecido (v.15) e mais trezentos persas foram mortos em Susã. Assim, o decreto de 9:14 não se refere especialmente ao empalhamento dos corpos sem vida dos filhos de

Hamã (14b; cons. Dt. 21:22, 23). Enquanto isto, os judeus nas províncias mataram setenta e cinco mil dos seus inimigos no dia treze de Adar.

**17-28.** Os judeus das províncias começaram a guardar o dia quatorze de Adar como um feriado, enquanto os de Susã festejaram o dia quinze. Como no Natal, trocaram presentes entre si (cons. Ne. 8:10, 12; Ap. 11:10) e cuidaram dos pobres (v. 22). **Mordecai escreveu estas coisas e enviou cartas a todos os judeus** (v. 20). Ao que parece, após diversos anos terem se passado, Mordecai relembrou os acontecimentos relacionados com sua vitória e decretou que não deviam mais ser comemorados dois feriados distintos (o dia quatorze nas províncias e o quinze em Susã), mas que os dois dias deviam ser comemorados como a Festa do Purim (vs. 26-28). Na verdade, muitos judeus já tinham começado a festejar os dois dias (v. 23).

**29-32. Segunda vez, para confirmar a carta do purim.** Esta não foi a carta de 9:20, mas uma nova carta descrita em 9:30-32, na qual um período de jejum e oração (**acerca do jejum e do seu lamento**, v. 31), além dos dias de regozijo, foi instituído em memória dos ansiosos dias de oração que precederam o livramento divino. Talvez Ester e Mordecai já observassem esse período de oração há diversos anos (cons. 4: 15-17), e achassem que seria bom transformá-lo em um costume nacional. **E se escreveu no livro** (v. 32). Não no livro de Ester, mas no livro no qual Mordecai registrou os acontecimentos (v. 20) e que serviu de fonte básica para o livro de Ester.

## Ester 10

**10:1-3.** Xerxes morreu em 465 A.C. Recapitulando seu reinado, o autor enfatiza o estupendo poder e riqueza desse rei (v. 1) a fim de mostrar a maravilhosa providência divina em elevar um judeu desprezado a uma posição de honra em um império como esse. **O bem-estar do seu povo** (v. 3), não se refere propriamente aos filhos de Mordecai, mas a Israel, **o povo da sua rança** (cons. II Reis 11:1).